



A NOITE SANTA

de tua familia, seria um escandalo, que a memoria sagrada de teu pae não me perdoaria.

Lamentei sempre a tua excepcional belleza como um obstaculo erguido á minha felicidade, e, como tua mãe e teus irmãos, penso que não tens o direito de locusar um titulo de baroneza e uma fortuna solida, para te lançares nos braços de um pobre funcionario publico.

Seria para mim motivo de eterna magoa não te poder dar o luxo, o conforto, o simples bem estar que não te faltará no palacete do barão de Moreira. Os teus parentes maldiriam o meu egoismo, e tu mesma — quem sabe? —, quando mais tarde passasse o que se chama lua de mel, te arrependerias de haver trocado um rico titular por um pobre diabo como eu.

Consente no consorcio que te propõe a tua familia; sefrierei muito, porque te adoro, mas me consolarei com a certeza de que serás mais feliz com esse homem do que o poderias ser commigo.»

Essa carta, que Remigio assignou com o mesmo sentimento com que assignaria a sua sentença de morte, produziu o desejado effeito.

Na noite em que a entregaram a Fadinha, o barão de Moreira estava na sala em companhia de D. Firmina e dos filhos. Era a terceira visita que o negociante fazia á familia.

Fadinha correu presurosa para o seu quarto, e abriu a carta. Leu-a, e segurou-se a um movel para não cahir, fulminada por engano de aquelle terrivel.

Teve uma crise de lagrimas, chorou abundantemente: mas veio logo a reacção, e, reanimada pelo despeito e pelo orgulho, enxugou os olhos, compoz o pentead e foi para a sala.

O barão de Moreira levantou-se e correu ao seu encontro. Ella estendeu-lhe a mão, dizendo:

— Eu sei que o Sr. barão deseja ser meu esposo. Poupo-lhe o trabalho de pedir a minha mão, aqui a têm. E' sua!

Estupefacção geral.

(Continua)

«E as tuas azas? tornou-lhe a rosa, tremulas; o passarinho, vóa; a flor... coitada!...

«Os corações que se amam não têm azas, respondeu o Bengali.

Desceu a noite. As estrellas do céu todas illuminaram os seus amores. E até ao romper da aurora, as brisas perfumadas embalsamaram docemente a rosa e o cantor.

Mas, aos primeiros raios da manhã... a rosa... expirou... O Bengali chorava.

«Genios do ar, balbuciava elle, tirai-me para sempre a doce voz que me haveis dado e fazei que a minha rosa branca dure um dia mais!»

«Não, murmurou a flor moribunda; canta Bengali. Tu me amas-te; não sou feliz?—Tantas flores na terra morrem sem ser amadas. Adeus, adeus, não te esqueças de mim.

Dois mil annos se passaram depois que a rosa morreu, e no espaço de dois mil annos, nunca mais o Bengali cantou nem amou.

Seu coração é uma Saudade.

Sua voz um gemido.

A. E. ZALUAR,

Aurora negra

Morrem no céu as ultimas estrellas
Annunciando o romper da madrugada.
Aves gorgiejam, aves cantam pelas
Verdes hortas os hymnos da alvorada.

Dos camponezes as canções singelas
Echoam na campina despertada;
E no leito sagrado das Jozellas
A aurora accorda a virgem namorada.

A natureza toda está em festa,
Tudo se alegra com os clarões da aurora.
Longe a magoa, o pezar que nos molesta...

No entanto a minha alma nesta hora
Sente-se triste—solitaria e mesta;
E'm vez de rir-se com pezares chora.

OSCAR D'ALVA.

Rio, 17-11-99.

A. A.

INCONTESTAVEL

(CANTO DE UM BANGAL)

Maldito o dia, sou! Maldita a hora
Em que febre de amor — apollido —
Eu arranquei do peito apaixonado
A doída phrase: «Eu amo vos, Senhora!»
O olhar que mata, o riso que apavora
Como premios de amor inegalado
Destes ao coração despedaçado
Que o meu sonho de amor perdido chora!

«Desdenhosa exclamais: — «A ninguém amo!»
— Meu coração, feliz e livre e franco...
«Eu, em zambas de amor amais não inflamo!»
Impossivel, Senhora! Desvario!
Dos céos é sei que, impavido, proclamo:
— Não ha mulher de coração vasto!

A. AZARÉ

Niteroy.

○ BENGALI

(CONTOS POR ANDRÉ LEINOYENE)

Antigamente era bella a vez do Bengali.

A' tarde, na hora em que o sol tingia de púrpura o mar das Indias, o Bengali cantava

A's harmonias da sua voz, os rouquinos zelosos emulciant-se, as borboletas suspendiam-se attentas nos calices das rosas; entre-abriam-se de prazer as flores; e quando, lá das alturas do céu, uma andorinha peregrina escutava o melodioso cantor, a avesinha, maravilhada, descia, descia, esquecendo a sua viagem, esquecendo a sua patria.

O Bengali namorou-se de uma pequena rosa branca, da idade de um sol.

E cantou-lhe este canto:

Com accento, ora doce e triste como uma supplica, ora vivo e alegre como uma esperanza, o Bengali dizia:

Muitas flores combico em formosas, vermelhas, umas como as estrellas; muitas pendidas sobre o espelho das fontes, escondidas outras nas sombras dos bosques, florejando outras á beira do mar, e cujo perfume segue por dilatado tempo os marinheiros que se vão. Porém, a flor odorante que olha as ondas do mar, a mysteriosa que se aconta nas sombras das mattas, a presumida que se mira na fonte são menos bellas do que tu, minha pequena rosa branca. Amemo-nos, flor querida; sem o teu amor o Bengali não vive.



O hypnotismo e o Dr. Berillon

O *Matin* publicou, ha tempos, uma interessante entrevista, que um dos seus redactores tivera com o Dr. Berillon, o director da *Revista de Hypnotismo*, e que por este processo tem feito innumeradas curas. E' esse um dos phenomenos mais extraordinarios descobertos no presente seculo, o qual esta destinado a fazer completa revolução na physiologia, na moral, no direito criminal, na medicina, e até nas proprias letras. E' tão importante o que se passou na visita do collaborador do referido jornal ao illustre clinico, que não resistimos á tentação de transcrever hoje a parte mais instructiva da entrevista, afim de que os leitores cheguem a opinião d'aquelle clinico.

— Éis uma parte da conversação ?
 — Será indiscrição perguntar quaes são os limites do vosso poder ?
 — Certamente não. De uma maneira geral, todas as affecções nervosas provem de nos mesmos, bem como o moral dos individuos, entende-se o moral com relação ao physico. A suggestão actua com muita felicidade sobre as paralyasias, as convulsões, as nevralgias, e sobretudo, certas phases, e as mais graves, do hysterismo. Temos curado pessoas que sofriam do est mago desde muitos annos. Consegui curar de seus habitos de embriaguez um alcoolico.

— Deveras ? Como foi isso ?
 — De uma maneira muito simples, disse o doutor rindo-se. Suggesti-lhe, a principio, que mal elle levasse o copo á bocca, não poderia deixar de sair aancia... Da ancia passava á nausea e da nausea vomito. Hoje não há maneira de o fazer entrar em uma taverna.

— Admiravel !... Mas o poder que exercéis sobre vossos doentes ?

— Limita-se exclusivamente á suggestão, que lhes pode ser bem util, tranquilisativa. Diz-se geralmente, que se deixar adormecer é entregar-se, de corpo e alma, ao medico hypnotizador.

Que erro ! Recordar-vos do Donato, o celebre magnisador, e de Lucilia, que elle fazia adormecer todas as noites.

Um bello dia, Lucilia achava Donato, já vé como é facil nos escaparem...

— Dizem que a suggestão vai muito bem com as creanças...

— Ah ! as creanças ! exclamou o Dr. Berillon enthusiasmado. Não ha nada melhor para a cura do espirito e do corpo della ! Qualquer creança, por mais viciosa que seja, cura-se ; e a suggestão acaba por abolir todos os defectos proprios da idade... Na proporção de 1000 meninos, viciosos, ladrões, mequetruos, preguiçosos, indisciplinaes, foram por mim convertidos em rapazes honestos, verdadeiros, submissos e trabalhadores... Se as mães submissem, qua facil é fazer desaparecer em seus filhos os terrores nocturnos, as manias ridiculas, o habito de torer as unhas, por exemplo as pequenas fraquezas que se acham vinham, as desordens de caracter e o acobardamento !...

— Pelo que vejo, indicaí uma pedagogia nova.

— Tenho a intima convicção de que por meio da suggestão se pode obter uma educação systematica de força de vontade.

Pedagogia suggestiva, que bello titulo !
 — E com os annos obtivesse resultados tão maravilhosos ?... Os jornaes fallaram da eliminação do enjoo do mar por meio do hypnotismo.

O Dr. Berillon sorri-se.

— Eis a historia. Uma pianista de talento, Mlle. S., havia lo annos que não cessava de ser convidada, para ir á America e allí dar alguns concertos. Recusava-se sempre por causa do enjoo. Uma travessia do Douvres até Calais a levava á cama por idios mezes. Acensellaram-lhe que elle consultasse. Adoptou a suggestão, o somno é um grande agente de obras. Suggesti-lhe muitas vezes que o mar, a não fatigaria. Paffo nessa convicção. A travessia não podia ser peor. Mas (resultado imprevisto !) a minha cliente foi o unico passageiro que não sentiu o menor incommodo ! Podéis imaginar o enthusiasmo della.

— Imagino.

— Já vé que a suggestão se tornou uma coisa séria ; o hypnotismo marca a entrada da medicina nas grandes vias philosophicas, abandonadas desde o seculo XVIII. A influencia do moral sobre o physico eis todo o segredo da suggestão. Será o hypnotismo que ha de reformar a medicina, e assegurar-lhe seu desenvolvimento definitivo... Estamos em vespéras de grandes descobertas... Vel-as-hemos ?

« E' o que tambem pergunto. »
 Não parece que o hypnotismo leve fatalmente a medicina para as theorias metaphysicas de Descartes, Leibnitz, Mallebranche, etc. Ao contrario, elle pode ser uma prova de influencia dos movimentos cerebraes sobre o organismo todo. Não é difficil reduzi-lo a um phenomeno puramente physiologico. Além disso, as vãs theorias philosophicas do seculo XVIII nada resolverá a questão do hypnotismo. São theorias estereis para a verdadeira sciencia. Outro é o caminho a seguir indicado pela sciencia contemporanea.

extrahida d'esse livro tão nobremente inspirado, uma pagina em que o grande romancista condensou admiravelmente a idéa que domina toda a sua obra, a idéa do dever.

E' um rico, ocioso e intelligente que falla traduzindo as inquietações, as oscillações do seu espirito sem norte :

Não posso deixar de confessar e de sentir que nós todos quanto pertencemos a certas camadas sociais não vivemos, em verdade, da vida real. Por cima de nós ha alguma coisa que se agita, fermenta e se produz. Luta-se por cada bocudo de pão ; a vida real, tangivel, immensa, condemnada ao labor sem treguas cheia de appetites brutaeas, de paixões, de esforços incessantes, rola e muge, semelhante ás ondas de um mar furioso, enquanto nos refestelamos nos nossos terraços, conversando de arte, de litteratura, de amor, de mulheres, estranhos a essa realidade, a mil leguas d'ella.

Eliminamos da semana os seis dias uteis, sem saber mesmo que tudo quanto satisfaz os nossos gostos, os nossos nervos, toda a nossa alma não serve senão para o domingo. Immersos no nosso dilettantismo como em um banho morno, vivemos como em um sonho, gastando a herança de nossos avos, a sua fortuna, a sua força muscular e nervosa. Por isso tambem perdemos pouca a pouca ; a terra foge debaixo de nós e tornamo-nos semelhantes a esses cotões ligeiros que são o ludibrio de todas as brisas. E quando mesmo quisessemos crear raizes, a vida real repelle-nos e cedemos fatalmente o logar a outros porque não falta força para lutar.

Quantos moços por esse mundo poderiam recitar-se a si proprios este monologo !

Um trecho de 77

(SECCA DO CEARA)

Era no mez de agosto. O sol submeigido
 Numa fússão de ouro, agonisava lento,
 Volvendo, em despedida, um longo olhar dorido,
 Na serania ao longe, assim como um lamento...

Vinha calhndo a noite. Esplendida radiosa,
 Sob a curva do azul, apresentando o rosto,
 A lua appareceu, — transrubida e formosa,
 Como costuma ser n'um bello mez de agosto.

Entanto eu caminhava... A branca luz da lua,
 Coando-se atavés dos seccoos mutagaes,
 Retratava fiel a Natureza nua
 Sobre a tela do chão em formas espectraes !

Nenhum ligeiro som que denotasse vida !
 Pesava sobre a terra uma misteza ingente !
 De quando em vez se ouvia a musica sentida
 Do vento a estuziar nos troncos, doilmente...

Sobre os campos, além, onde se via out'ora,
 De ritos vegetaes um sumptuos imperio,
 Tindo a noite ceilara, — apresentando agora
 O aspect cruel de um vasto cemiterio !

Dos mansos animaes, que na expansão da vida,
 A fome surprehendera, — stupida, melemente,
 Por leubança restava a ossada resejada,
 Branquejando ao luar, astudadoramente !

E penava conmigo : — oh ! tristes solidões !
 Vales onde eu buquei a sombra das palmeiras !
 Onde os tens filhos ? onde as lupuldas canções
 Da passada alegria ? as alvas cachueiras ?

Tenho pena de ti, oh ! magra Natureza !
 Tristes, pobre louca, a verde *belébia*,
 Que te empistava assim nos ares de pinucea
 Pelos trapessins de um vil 77 !!...

Não te condemnou, não ; eu sei que és innocente,
 Esse sol que te queima e que em teu peito arde,
 Desvota tu ao Destino, a elle tão sómente,
 Que tudo te roubou e mo um ladrão covarde !

E enquanto triste e só, eu ia, pouco a pouco,
 N'um transporte subtil voando a idealidade,
 Um tetrico gemido angustiado e rouco
 Chamou-me de improvisio a dura realidade !

N'um pequeno desvio, ao lado do caminho,
 Erguia-se tristonho um miseravel rancho
 E dentro agonisava um homem nu, sosinho,
 Nas convulsões da dôr, magro como um garrancho !

Um raio de luar, esbranquiado e frio,
 Qual mudo espectador, fitava longamente,
 N'uma expansão de luz, o seu olhar sombrio,
 Sobre o corpo angular do tragico doente !

E esse que a morte, em breve, a loba traçoqueira,
 Levára tambem nas suas garras fúrias,
 Era o membro final de uma familia inteira,
 Representada ali n'um vil montão de ruinas !

Era a primeira vez que eu triste e commovido,
 Vergando ao peso atroz da mais terrivel mágoa,
 Via um homem morrer no ultimo gemido,
 Entre as vassas da dôr pedindo pão e agua !...

JULIO TAVARA.

No céu

Minha Amada onde está ? p'ra doce briza,
 Eu perguntei ; mas ella se escondeu,
 Minha Amada onde está ? fallei á noite
 E da noite a solidão não respondeu.

Minha Amada onde está ?... e só o echo,
 Respondia nas serras se quebrando,
 Minha Amada onde está... e de echo em echo,
 A pergunta no mundo foi passando,

E pelas brenhas do sertão afóra,
 P'assei e perguntei á noite, ao dia,
 As arvores, a flor, ao mar, ao monte,
 E só na serra o echo respondia.

Minha Amada onde está ? para o cypreste,
 Eu louco perguntei, Então um véo,
 De neblina envolveu o cemiterio,
 E uma voz me fallou — Está no eco !

(S. Paulo, 1891).

ALFREDO E. P. ASSIS.

Das Flores Fundas (inédito).

O trabalho da mulher

Trauscrevemos de um dos mais importantes jornaes dos Estados Unidos a seguinte notícia :

Passaram-se os tempos para os collegios do sexo feminino que se encarregavam de educar a mulher, de modo completamente inutil, em relação ao fim social que lhes traçaram as grandes leis divinas e biologicas.

A capacidade para conquistarem posições entre os mais notaveis de seus competidores, no sexo masculino, está hoje sendo demonstrada cabalmente. E note-se que a aptidão manifestada tem sido em todos os ramos dos conhecimentos humanos. Ha ainda no espirito feminino uma qualidade que lhe é quasi exclusiva : — as mães de familia recciam que, educando as filhas, illustrando-as, como exigem os tempos da actual civilização, ponham os collegios de parte a educação domestica, a qual, sem duvida alguma, se torna necessaria como complemento da primeira.

Assim pensando, foram levadas ao conhecimento das autoridades competentes as reflexões das mães de familia e, embora se reconheça companheira, intellectualmente igual, do homem, tem-se resolvido, em muitos collegios, dar ás moças uma educação que respecta o mod' de pensar de suas mães. Em Wellesley, abriu-se este anno, pela primeira vez, um curso de sciencias domesticas.

E' assim que se inaugurou um laboratorio para mostrar as alumnas os varios methodos culinarios de accordo com as leis da hygiene e da physiologia. Ainda ha lições sobre hygiene das habitações como sobre a arte de embelezalas.

E' professora a Sra. Cork, que, ha pouco, sahio da Universidade de Syracusa.

Este curso não é obrigatorio e simplesmente instituido para as alumnas que o quizerem frequentar.

O grande numero de discipulas que acompanham miss Cork, demonstra o interesse que as jovens americanas ligam a essa aula. Quando este curso estiver completo, comprehenderá tambem lições de chimica e de economia domestica.

Ha muitos homens eminentes que não approvam esta innovação ; deste que se pensa, porém, que se não pode dar em uma academia de bachareis esses conhecimentos, como tambem não os podem adquirir nas escolas de engenharia, claro está que os devem ter antes de se matricularem nesses estabelecimentos superiores.

Muitos outros collegios estão adoptando em seu programma, esse curso sempre *ad libitum* das alumnas.

SONETO DO NATAL

Laura e Raul tão bellos e innocentes,
 — Elle tem cinco, ella quatro annos justos —
 Brincam, hoje, Natal, meigos, contentes,
 Ao chifto sentados, recurvando os bustos.

Sobre os linhos subis, alvinitentes,
 O pequenino protector dos justos,
 — Um Jesus de bisent' anno, sem sustos,
 Dorme em meio das rosas redolentes.

A piedosa vigília perturbando,
 Laura interroga o irmão : « Natal passando,
 O menino Jesus onde é que fica ?

Que faremos depois d'este innocente ? »

Paul responde logo, gravemente :

« Depois ?... Depois o gente o crucifica ! »

LEOPOLDO BRILHO

Uma pagina de Scienkiewicz

Era extrahida do seu famoso romance « Sem dor, onde se colligam todas as vicissitudes, tormentos, incoherencias de uma alma moderna e que se poderia intitular romance da moralidade de hoje, etc.

No bosque

Grave, triste, melancolico
 (Si te não veja ha tres dias !)
 Busco o retrio bucolico
 Das alamedas sombrias,
 Olhar fixo, andar pausado,
 Como quem busca um segredo,
 Menestral amantado,
 Divago entre o alvoredo

E as aves, cheias de encanto,
 Ao ver me passar assim,
 Suspendendo o alegre canto
 Ficam-se a olhar para mim.

Na frondosa ramaria
 A toutinegra indiscreta
 Diz baixinho a cotovia
 Lá vai passando um poeta.

É a pipilar com malicia
 Espreita-me alegre bando
 Enquanto vai a noticia
 De bico em bico passando.

É um poeta que passa
 Murmuram, troçando, as aves
 É um poeta — tem graça ! —
 Como os poetas são graves !

Mas á multidão canora
 Segreda um parafal fructo;
 — Não ficaram barullos a ora
 Que vos compoem um soneto !

GENEVA J. S. S. S.

Notas scientificas

MODO DE COMBATER A SEDE

Escrevemos recentemente a proposito da sede, dizendo que em muitas occasoes bastava, para estancar a ou attenuar a humedecer a bocca com um liquido qualquer ou então apenas beber de longe em longe pequenos goles.

Absorver grandes massas d'agua, cerveja ou cidra de uma so vez, não so fatiga o estomago como apenas mui momentaneamente é que apasigua a sede. É sobretudo a sequeidão da bocca que convem combater.

Sobre este assumpto, recebemos uma carta do sr. dr. Desnoix, d'Ygrande, cujo conteúdo é este:

«Em vosso artigo escrevo o sr. Desnoix, pretendes do mesmo modo que os sabios, que é bastante humedecer ligeiramente as paredes bucaes para acalmar a sede. Para muitos casos, isto é exacto, mas, para outros, permittir-me-heis discordar da vossa opinião. Exemplo: o trabalho durante a colheita. Das 4 da manhã até ao meio dia; depois, das 2 da tarde até ás 9 horas da noite, o trabalhador rural corta trigo; sobre suas costas curvadas, o sol bate com força; o rosto inclinado, presta-se admiravelmente a recepção das ardentes emanções do solo e da palha. Não ar, nenhuma aragem, e, algumas vezes, sufficientes torrentes aereas produzidas pelos ventos leste ou sul. Como variante, o exercicio da manobra com o garfo de cafeixar o trigo, pesando de 15 a 20 kilos.

«E isto tudo durante umas tres semanas. Affirmo-vos que, em taes condições, não é possivel desulterar-se apenas refrescando a bocca com um simples gorgolejo.

É absolutamente indispensavel absorver, na media, cinco litros por dia, como qualquer de nós o faz nesta época do anno. E si se tiver a precaução de não tomar a agua demasiadamente fresca, mas juntandolhe um pouquinho de vinho, caté ou cognac, asseguro-vos que d'isso não advirá nenhum incommodo e a gente passará admiravelmente bem.»

O Sr. Desnoix tem razão, uma vez que admite que, na maior parte dos casos, basta humedecer a bocca para calmar a sede; quanto ao caso excepcional que nos cita, o de um trabalho exagerado em pleno sol, estamos de accordo Mas este, em geral, não é o caso do homem da cidade.

A questão differre. Não se trata somente de calmar a sede, no caso que elle apresenta: é necessario fazer reverter ao organismo, aos tecidos, ás diversas glandulas a quantidade de liquido sem a qual elle não poderia passar. Um exercicio, trabalho manual desenvolve calor, e o calor, por contra, desenvolve consideravel exsudação. É absolutamente preciso substituir a agua que se escapa do corpo, agua necessaria ao bom funcionamento da machina humana, e por seu turno tambem necessaria ao equilibrio, e á regularização da

hora, sobretudo depois da refeição, até 800 grammas de liquido. Nos mesmos temos leito a experiencia; a perda, sob as altas temperaturas, pôde oscillar, na media, entre 55 e 450 grammas por hora.

N'um dia de 12 horas de trabalho, e de grandes calores, a perda media para um homem do peso de 70 kilos, pôde attingir facilmente a mais de 5 kilos. Ora, o Sr. Desnoix reclama cinco litros de liquido por dia de trabalho exagerado e de calor excepcional! Ha perfeito accordo entre a theoria e a pratica.

Tudo depende das circumstancias em que se acha o individuo. Mas, no caso que elle suggerer, não é mais unicamente a sede; o que se precisa combater: é tambem o desperdicio dos liquidos da economia — desperdicio incompativel com as funcções do corpo.

DE PARVILLE.

Typos sociaes

O BARÃO

É gordo quasi sempre, e bruto como um urso;
 Usurario, cortez, hypocrita e glotão;
 Desde *commendador* já pensa no discurso
 Que hade fazer no dia em que sabir *barão*.

Manda o filho estudar n'alguma Academia,
 Para que *deputado* um dia venha a ser;
 Francez, musica, inglez e canto e geographia
 Manda ensinar á filha... á qual não sabe lêr.

É *ella* o seu orguelho, o seu maior thesouro;
 Tem brincoes de brilhantes e braceletes d'ouro
 E ha de ser mulher d'algum *commendador*.

Por cima do sofá, na sala, em seu sobradão,
 Tem o retrato grande, em quadro emoldurado,
 De... sua magestade o augusto imperador.

MILTON TEIXEIRA.

Um carvoeiro sabichão

PARA AS CRIANÇAS

Uma vez um rei que gostava muito de ir á caça, perdeu-se de sua gente, e encontrou-se só n'um grande bosque onde viu um carvoeiro que andava trabalhando.

O rei dirigiu-se a elle e perguntou-lhe:

— Com tanto trabalho que tens deves ganhar muito dinheiro?

— Eu, senhor, ganho doze vintens por dia. Quanto empresto-os, quatro são para pagar uma divida e os outros quatro para mim e minha mulher viver mos.

Ficou o rei muito admirado, e quiz saber como eram aquellas contas.

O carvoeiro explicou.

— O emprestimo é crear os filhos que depois trabalharão quando eu não puder. A divida é sustentar os meus paes que são já velhinhos e nada podem fazer. Os outros quatro vintens é para comermos nos dois.

Ficou o rei contente com a explicação e disse-lhe que não a desse a mais ninguem, sem ver a cara d'elle cem vezes.

O carvoeiro assim procedeu e o rei foi ter com a comitiva.

Mas, logo que chegou ao palacio mandou reunir todos os seus conselheiros, ministros e mais dignitarios da corte e disse que lhe explicassem como podia um homem com doze vintens pagar uma divida, fazer um emprestimo e sustentar-se a si e a mulher.

Accrescentou ainda: aquelle que decifrasse o enigma ganharia a sua confiança e os outros seriam desterrados ou mortos, porque na sua corte não queria ignorantes nem brutos.

Ficaram os sabios afflictos e os que não eram sabios estulariam de noite e de dia, mas, por mais que matutassem, não podiam sabir d'aquelle.

O primeiro ministro, que era um velho muito esperto, andava triste por ver que de uma so vez perdia os seus bellos creditos.

Desce rogado de todo foi um dia passear para o bosque, onde se sentou a chorar.

D'ahi a pouco veio o carvoeiro e perguntou o que tinha s. exc. para estar assim triste.

Contou o ministro o que o rei tinha dito e o carvoeiro consou-o:

— Que lhe desse cem peças de ouro com a cara do rei, que elle lhe ensinava o que era.

O ministro, contentissimo, foi buscar as peças de ouro e deu as ao carvoeiro.

No dia em que o rei tinha mandado reunir o conselho perguntou a todos a resposta a sua pergunta, e ninguem a soube dar!

Então o primeiro ministro pediu licença e disse o que era, com grande admiración e inveja de toda a corte.

O rei ficou muito zangado e foi d'alli ter com o

— Vossa Magestade ordenou-me que não desse a explicação sem ver a sua cara cem vezes, e como o seu ministro me den estus cem peças que a tem, cumprí as suas ordens.

O rei riu-se muito e ficou contente com o carvoeiro.

INCREDULA

(Luz: Cumarães Filho)

Não crês?... Pois tu não crês no amor que mata e faz tremer as mãos para o impossivel? nesse mysterio, quasi inexpugnavel, que a vida e a morte dos martyrios ata?

Pois tu não crês no fogo que arrebata? pois tu não crês no olhar irresistivel? nos gritos d'alma?... no ideal visivel? nessa loucura esplendida e insensata?

Julgas a vida um lago de alegria, um sorriso, um suspiro, uma harmonia, um astro de ouro que desponta e passa?

Ah! não sentiste ainda a ardente chamma que faz rolar dos olhos de quem ama as contas do rosario da desgraça!

Ascensão ao Corcovado

6 de Março

Dia de sol esplendido, acariciador e mornos raios!

As duas horas da tarde começo a fazer a subida ao grande Corcovado, levado por uma pequena, mas possante locomotiva que despejando fumo e vapor vai como que offegantemente empurrando o carro que conduz os passageiros!

A medida, porém, que o carro ia subindo e rompendo aquellas íngremes e fertilissimas terras, minhas impressões crescem e mudam-se alternativamente, ora contemplando extasiado a luxuriante vegetação, ora devisando através de uma clareira o bello e attraente panorama do Rio de Janeiro, ora inda a vista embeber-se ao longe, olhando o grande mar, lá fóra da bahia!

Que bellas paysagens, que bellos quadros para um pincel de mestre!

Oh! como eu quizera ter pensamentos tão grandes, idéas tão gigantes, como as colossaes e gigantescas arvores que se vão apresentando aos olhos do viajante, que arrebatado e em mulla contemplação as admira!

Ah! então pudera traçar mais amplamente, mais desafogadamente, as emocionantes impressões que senti, fazendo a ascensão ao bello Corcovado.

Mas... eis-nos chegado ao ponto terminal da linha ferrea; agora subimos ao alto do morro, indo em zig-zags por tortuosos caminhos e íngremes escadas. Estamos enfim no ponto desejado!

— Nuvensinhas que passam nos impedem de ver no momento o mais sobebo e bello panorama do mundo; porém para nos extasiar ainda mais, apresentando-nos, como surgido d'um sonho mystico, encantado, o quadro esplendoroso da cidade: quando o sol com seus raios dardantes dissipa momentaneamente as nuvensinhas, para deixar a vista sedenta penetrar prescrucladora devastando nas profundezas do abysmo, a incomparavel capital do Brasil!

Oh! não, se podem descrever as commoções que se sentem ao subir ao alto do Corcovado, por isso apenas em duas palavras quero significar a minha admiración: — Simplesmente maravilhoso!

Rio, 7-3-1901.

J. JO.

MOLDES



Temos a satisfação de communitar ás nossas gentes asignantes e leitoras que, apesar de nosso silencio, continuamos com o nosso serviço de moldes tanto d'l

Estação, como de qualquer outro jornal, para esta cidade e para o interior da Republica.

Ha uns bons trinta annos temos nos incumbido desse serviço, confiando-o sempre a pericia de verdadeiras artistas em materia de cortes.

Agora mesmo as senhoras a quem confiamos esse trabalho, são das mais habilitadas mestras no assumpto, no qual não temem confronto.

Nunca recebemos reclamações contra o serviço da casa e com ufania podemos assegurar que estamos habilitados a satisfazer a freguezia mais exigente, sem que tenhamos receio de que nos vejam dar lições de apuro e bom gosto, nem na medianidade de nossos preços.

Para o presente numero offerecemos:

N.º 30 - Jaqueta alfaiate..... 15

Os recados são recebidos no escriptorio dest bem como, a importancia que deve acompanhar d'ido.

Pelo correio mais 300 reis para cada molde e 200 reis para cada um que se segurem.